# O MARAGATO

**Carlos Zatti**
do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná
do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

# O MARAGATO

Clube de Autores
Curitiba
2016

© - Carlos Zatti (2009)

*Direitos reservados
*Registro — EDA-FBN: 252.241; Livro: 449; f. 401.

FICHA CATALOGRÁFICA

*Zatti, Carlos*
*Z38m*
*O Maragato / Carlos Zatti — Curitiba : Autores, 2016*
*254 p.: il.; 21cm*

*Inclui referências*
*ISBN: 978-85-000-0014-4*

*1. Rio Grande do Sul — História — Ficção. 2. Paraná — História — Ficção. 3. Língua portuguesa — Regionalismos — Rio Grande do Sul. I. Título.*

*CDD 981.05*
*869.35*
*CDU 869.0.*

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária Responsável: - Mara Rejane Vicente Teixeira - CRB 9 – 775

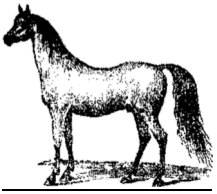
Capa: Carla Daiane
Projeto gráfico: Evandro Alberto
Revisão: Ângela Helena

CLUBE DE AUTORES
www.clubedeautores.com.br
Autor: carlos.zatti@live.com

*Romance Histórico Regionalista*

## Sumário

Prólogo . . . . . 7
1ª parte — Província Cisplatina . . . . . 9
2ª parte — República Rio-Grandense . . . . . 35
3ª parte — Peão de Estância . . . . . 91
4ª parte — No Paraguai . . . . . 129
5ª parte — De Bombacha . . . . . 176
6ª parte — Maragato . . . . . 202
Referências . . . . . 253



*"A história é o romance, que foi;*
*o romance é a história, que podia ter sido..."*
Os Goncourt

## Prólogo:

Os homens guerreavam...

Eles peleavam, usando a força de seus músculos enrijados na lida habitual do campo.

Os homens se debatiam em grupos, quando não, de mano...

Eram embates de peito a peito. Raras as surpresas, uma vez que os adversários se avistavam de longe, na planura do pampa, dando tempo para o preparo, tanto do ataque como da defesa.

Depois... bem, depois as armas foram sendo automatizadas... A inteligência se sobrepôs à força. E hoje, a informática é o estado-maior que comanda os ataques da luta, à distância.

Tal avanço tecnológico fez desaparecer o guerreiro audaz, destemido e valente. Fez desaparecer a heroicidade e o herói. O recontro não é mais bonito nem mais horripilante, como nem mais e nem menos brutal.

Nenhuma batalha é poética e as guerras modernas são tão instantâneas que nem se deixam romancear. Armas potentes e quase infalíveis, transportadas por elementos supersônicos.

A arma branca, nem mais para a defesa pessoal se presta!

O cavalo... ah, o cavalo! Um dos mais belos animais... domesticado e dócil, serve agora para lazer, ou para alguma changa.

Mas o cavalo daquele tempo era transporte e arma, sem deixar de ser instrumento de trabalho e recreação. O avião substituiu o cavalo, o burro, o boi, a carreta, o barco...

A lança virou mosquete, que virou míssil... O pelotão virou tanque blindado!

Antes, a guerra convencional/campal. Agora, a guerra atômica/nuclear.

Versejou Gonçalves Dias:

*Já vi cruas brigas*
*De tribos inimigas,*
*E as duras fadigas*
*Da guerra provei.*
*Nas ondas mandasses*
*Senti pelas faces*
*Os silvos fugasses*
*Dos ventos que amei.*
*Andei longas terras,*
*Lidei cruas guerras,*
*Vaguei pelas serras*
*Dos vis Aimorés.*
*Vi lutas de bravos,*
*Vi fortes escravos,*
*Por estranhos ignavos,*
*Calcados aos pés.*

Naquele tempo, durante a paz, como era o cotidiano daquela gente?

Permanecem daquelas lidas apenas o populário e as tradições.

*Curitiba, 2009*

1ª parte

# PROVÍNCIA CISPLATINA

## 1

**M**aria era daquelas chinas faceiras que alegravam as rodas femininas do mate-doce; afeita à pilhéria, costumava apimentar seus causos com palavrotas que atirava na conversação. Vivia na Estância Jaguary, em afazeres domésticos para Dona Mercedes, já há alguns anos.

Há algum tempo namorava Venâncio, um bugre andarengo de barba rala e fisionomia indiática que, de quando em quando, aparecia na estância para fazer changas.

Maria revelou suas intenções à patroa. Esta conversou com o marido:

— Maria quer casar com Venâncio — disse Mercedes.

— Já percebi que andam se negaceando — adiantou o estancieiro.

— Arranjas um rancho para o casal?

— Sim. Estou mesmo precisando de um posteiro para as bandas do passo.

— Maria há de ficar mui contente conosco — ponderou a mulher.

— Vou ao galpão falar com o changador — disse Juvenal Lopes, já de chapéu na mão. — Quero saber qual sua verdadeira intenção, o que quer, o que pensa... essas coisas, minha Mercedes.

## 2

Foram arranchados junto ao passo do arroio Piquiri que dá caminho para o povo de São Francisco de Assis, rente a uma recosta, onde havia uma cacimba.

Um rancho de pau a pique, coberto de santa-fé, novo em folha, distante meia légua da sede, passou a ser o posto de Venâncio. Da porta da morada, o painel de uma bela paisagem:

Pelo lado esquerdo, no final do declive em que o rancho foi cravado, corre o Piquiri oculto pelo espesso ciliar de sarandis que o margeia; além, a campanha ondulada que se perde no horizonte, onde a vista não divisa o encontro do céu com a terra. Pela frente uma grande invernada: flor de campo. Pela direita, uma coxilha encobre o casario da sede, e no horizonte um verde-escuro de mata indica as primeiras elevações abruptas da serra.

## 3

Nasceu berrando, "de toda goela", como se o choro significasse liberdade: como se quanto mais se fizesse ouvir, antes se tornaria independente.

Só calou após a primeira vitória: a primeira mamada!

Transcorreu um mês de aprontamentos para o batizado da criança. Venâncio convidou seo Juvenal para padrinho. O estancieiro aceitou de pronto, mesmo porque Mercedes simpatizava com Maria, sua ajudante doméstica, e por que não dizer "dama-de-companhia" durante os meses que ele se ausentara para pelear contra os castelhanos. Agora seria também sua comadre — pensou.

Benito, piá de olhos ligeiros, crescia definindo seus traços característicos das cruzas que o formaram. O meio lhe daria o caráter.

Nem sempre esteve sob as vistas do pai, do padrinho ou dos peões, posto que aqueles homens faziam parte das milícias gaudérias, que ombreavam seus caudilhos nas peleias que se tramavam no garrão brasiliano, mas via-os partir e chegar com estafareis medonhos.

Foi tratado por igual: não era diferente dos outros, pois quase todos os nascidos naquela querência também eram afilhados do patrão! — Vulgar, tossiu a coqueluche em tempo próprio e teria o sarampo de praxe, mais a caxumba e a catapora.

Mal começou a andar, o pai passou a ensinar-lhe a gineta e, então, Juvenal lhe deu um petiço lobuno de presente.

Tinha três anos de idade quando nasceu Mercedita. Mercedita, sua única irmã, seria a companheira nas corrimaças ao terreiro do rancho, nos potreiros ou campo fora. Expandiam energias que se transformavam na alegria dos pais.

Também as travessuras iam recheando seu currículo de piá serelepe e de guri. Molecagens, muitas vezes inocentes, eram motivos para tapas e sumantas. . . As traquinices dão origem à viveza ou esta vem de família? — Maria, esperta uma barbaridade! Venâncio, por andejo, desembaraçado como só!

Já ginete, Benito treinava tiros-de-laço nos terneiros.

Atendia por diversos vocativos: chiruzito, piá, guri...

## 4

Certa noite — Venâncio estava tropeando e Mercedita já havia deitado — Maria, ao pé do fogão do rancho, contou ao piá a lenda do Negrinho do Pastoreio:

— Era uma vez um estancieiro mui maleva para com seus escravos e peões. Uma feita ele comprou uma boa ponta de novilhos...

"Inverno rigoroso e fazia frio de rachar.

"Esse gado, para ser aquerenciado no campo da estância, mandou ele que fosse pastorejado por um crioulito de quatorze a dezesseis anos.

"Quando chegava ao entrar do sol, trazia o negrinho o gado do pastorejo e o encerrava no curral, sendo de antemão contados os ditos animais pelo estancieiro.

"Um dia, na contagem, deu ele falta de um novilho e, sem mais demora, encostou seu cavalo no da pobre criança e deu-lhe a valer com grosso e pesado relho, deixando-lhe o corpo seminu cheio de lanhos a correr sangue. E depois que bateu barbaridade, à vontade, nas costas do infeliz, disse-lhe: — Vai me dar conta do novilho ou do contrário, verás o que te acontece.

"Ao ouvir a ordem do cruel senhor, o crioulo deu de rédeas ao cavalo e partiu à procura do novilho.

"Não caminhou muito tempo para avistá-lo pastando em uma coxilha. Ao lançar lhe as vistas, desatou um frágil laço dos tentos, fez a armada e cerrou pernas no cavalo e, aproximando-se do novilho à distância necessária, atirou o laço certeiramente, laçando-o. Em poucos tirões secos que deu o animal altaneiro, partiu-se o laço e saiu ele à disparada, sem que, por mais empenho que fizesse o crioulo, fosse possível fazê-lo dar volta.

"Desenganado o desditoso preto voltou, dando parte ao cruel senhor. Este amarrou-o de pés e mãos e depois de tornar a dar-lhe muito, fez abrir um formigueiro e o deitou nu entre as formigas.

"No dia seguinte, vindo ele ver a sua vítima para continuar o cruel castigo, sendo acompanhado pelas pessoas da estância, ao aproximarem-se do formigueiro, viram, ele e os demais presentes, erguer-se uma nuvem e, envolvido nela, subir o mártir ao céu, desaparecendo". *(18)*

— Assim, — complementou a mãe — como santo campeador, aceita promessas para nos dar ajutório na procura

de coisas perdidas ou extraviadas. Promete-se, ao Negrinho do Pastoreio, um naco de fumo e uma vela: a vela para sua madrinha, que é Nossa Senhora, e o fumo para ele, que é pitador.

Findo o conto, lavaram os pés numa gamela que permanecia na entrada do rancho. A mãe, que ficara por último, apagou a candeia de graxa que iluminava o ambiente e deitou em seu catre afofado com pelegos.

## 5

Benito era ainda piazote quando começou a participar da roda galponeira, onde ouvia os causos e as histórias das guerras. Gostava das narrativas interpretadas pelo padrinho, que contava fatos de batalhas, refregas, avançadas e recuos; lanças, pistolas, espadas, boleadeiras... e cavalos de roldão...

Foi num desses entreveros de suas frequentes narrativas que Juvenal obteve, por ato de bravura, o direito concedido por Dom Diogo de Souza, a uma sesmaria na fronteira do Rio Pardo — costa do Jaguari-Mirim. Mais tarde, esse braço direito do exuberante Jaguari passaria a ser chamado 'Jaguarizinho', cuja designação, então, iria para os mapas geográficos.

Mas o Jaguari grande, que nasce na extensa estância Tupanciretã, logo abaixo corre apertado, gambeteando entre os peraus da encosta da serra, destorcido, aos poucos, recebendo reforços, atira-se maciço atropelando a si mesmo pelo leito de pedras, murmurante e acardumado de bons peixes vai rolando. Já corrente soberba, em tempos de enchente arrasta raízes de árvores seculares e carreia terra até seus espraiados para estender-se na lonjura até encontrar o Ibicuí, e depois o Uruguai; mais abaixo, suas águas têm que se tornar platinas, para só então se salgarem no Atlântico Sul.

Juvenal Lopes, licenciado da tropa regular como fora seu desejo, tomou posse da sesmaria que transformou em estância. Seria, daí em diante, oficial de provisórios, pronto ao chamado do governo. Ao dar baixa da tropa aquartelada no forte, recebeu os galões de Capitão para suas gandolas caso fosse convocado.

E assim, como oficial de milícias, com acesso aos diários do Regimento, era sabedor de situações e desfechos de combates das tropas portuguesas. Então, ciente, desfilava uma a uma aos da estância.

Benito, atento às narrativas, absorvia as histórias de impávidas gauchadas, com cada vez mais interesse. Parecia antever a jornada de sua existência... Juvenal preambulara mais de uma vez que, em 1810 iniciou a revolta pela independência, em Montevidéu, liderada por José Artigas, e que D. João VI que se encontrava no Brasil, mandou suas tropas invadirem aquela região.

Em agosto de 1811 houve a tomada de Paissandu. Em dezembro daquele ano, Artigas vence os portugueses no combate de Arapeí, tendo estes que se retirar para a serra do Jarau; em 8 de abril de 1812 houve o combate de Passo do Alcorta, e no dia 11, uma patrulha da cavalaria gaúcha dispersa uma partida de cavalarianos artiguenhos.

O ataque de Itapevi Grande, de doze de abril, feito pelo Coronel oriental Soler, foi repelido pela força rio-grandense aí estacionada sob o comando do Coronel Tomás Costa, em cuja refrega sobressaiu-se o então tenente de linha Juvenal Lopes, cuja atuação destemida lhe valeu a promoção ao posto de Capitão e, por recompensa, ao findar a intervenção, ganhou a sesmaria, em terras devolutas, na região intermediária entre o planalto missioneiro e a campanha do Continente do Rio Grande de São Pedro, a oeste de Santa Maria da Boca do Monte, na bacia do rio Jaguari.

— Foi assim que sucedeu aquela batalha — contava Juvenal aos seus: — Desenhou-se a "guerra à gaúcha", modo de pelear aqui do pampa, com certa distância entre cada

cavaleiro para que um não estorve a boleada do outro. E eram pampeanos dos dois lados. Os atacantes já espalhados pelas coxilhas, de lanças, espadas, garruchas, tercerolas, adagas e boleadeiras. Os defensores, que foram alertados pelos bombeiros, ou vedetas, encilharam seus pingos às pressas — nem deu tempo para todos — muitos em pelo, então, se aprontaram para a defesa comum. Os oficiais superiores e subalternos, repassando ordens do comandante, aos gritos, num alvoroço que parecia um desespero, mas a coreografia se harmonizava e, aos poucos, cada qual em seu posto aguardava a ordem final.

— Então, padrinho?... — pergunta Benito.

— Era assim o cenário de Itapevi Grande naquele dia doze — explica Juvenal em sua narrativa — duas frentes orientais de cavalaria a toda disparada, de lanças em riste, se atracaram contra o meio da nossa tropa que também parecia um espinharedo, com as lanças prontas a espetar quem se aproximasse; e o primeiro recontro foi aquele banho de sangue, no meio de uma gritaria infernal, de desacatos e incentivos, de dor e de alegria, de vitória e de derrota, de gemidos e de gargalhadas... Tudo isso dura pouquíssimos minutos, pois quem se salva do primeiro embate dá de rédea no cavalo e torna ao meio do entrevero para lançar mais um adversário. E neste momento já se aproxima a segunda carga que vem dos flancos — ou do mesmo lado — como numa segunda avalanche de centauros dispostos a tudo, ou em disparada louca abrem espaço à artilharia que inicia o bombardeio no acampamento adversário. A perseguição ao inimigo também é fator relevante naquele tumulto, onde se usa até o laço para deter o fugitivo alvo.

Naquela contenda, o tenente Juvenal Lopes se destacou nos embates com sua certeira espada, derrubando uruguaios como ninguém, desprezando o perigo e orientando seu piquete para flanquear os adversários. Seu comandante, de longe, divisou-o e admirou-o, não só pela força de seu braço, mas também pela arguta estratégia usada

com seus estoicos comandados, auxiliando sobremaneira para a vitória da jornada.

A tática usada foi a de apartar um a um os inimigos, como apartava os terneiros da estância de seu pai, em dia de marcação. E deu resultado: um a um...

Finda a contenda, Juvenal casou-se com a prenda Mercedes, natural de Lavras.

## 6

Inverno, chovendo barbaridade, a peonada mateando no aconchego do galpão... Venâncio provocou o estancieiro, que partilhava a cuia do mate naquela sexta hora:

— Patrão, o senhor poderia nos contar algum causo daquelas pendengas com o Artigas. Com esta cheia braba...

— De fato, com esta chuva — atalhou Juvenal de pronto — que se há de fazer?

Juvenal passou a cuia ao cevador. Mandou o negro Nicácio abrir uma valetinha para escoar a poça d'água que se formara junto a porta do galpão. Acompanhando o escravo com o olhar, principiou:

— Artigas, de novamente retornou à luta, mesmo após ter levado uma coça.

— Qüera, o chiru! — exclamou Nicácio, da porta.

— É — disse o patrão em concorde. — Dessa feita, seu intento era formar uma grande República Democrática, constituída pelos territórios povoados pela raça guarani e charrua, compreendendo assim o Paraguai, Corrientes, Rio Grande de São Pedro, Entre Rios e Uruguai e, para isso, se declarou "Protetor dos Povos Livres".

— Bueno, e então? — perguntou Venâncio, curioso.

— O ideal de Artigas era oposto ao pensamento de integridade, pregado tanto na colônia portuguesa como na República Argentina, daí a coligação destas para combatê-lo. Calaverada lusitana!

— Então vosmecê partiu para a luta, patrão?

— Sim, João. Fui convocado para rostear orientais, pela segunda, vez em agosto de 1816, desta feita como Capitão.

— Conte-nos um pouquito da peleia — interveio Aureliano, mais interessado na consequência que na causa.

— Comandava-nos, na primeira refrega, o Brigadeiro Álvares...

O estancieiro fez uma longa pausa. Alisou o bigode, mirou o teto escurecido de picumã como quem busca o raio da inspiração e lascou:

— Um turbilhão de cavalos rolava sobre as coxilhas verdes, à luz quente do sol. Nós, os oficiais, à frente, com as esporas nos vazios dos zainos e malacaras. Quatrocentos homens formando três esquadrões: os dragões de Rio Pardo, sob o comando de Pereira Pinto, de clavinas curtas a tiracolo e, nas mãos, altos no ar, os sabres; uns quarenta atiradores de Curitiba, sob o comando de Silva Brandão; lanceiros fardados de mistura com paisanos, sob meu comando, de lanças em riste, quase de pé nos estribos. À ordem de carregar, nos movemos como em uma parada. Depois, a voz ordenando: — A trote!

Os animais aceleraram a marcha. E logo, a segunda ordem dominou, forte, o tropear da cavalaria: — A galope!

Então, mal os baguais espumantes tomavam o impulso da corrida, ecoou o mando terrível: — Por esquadrão, carregar!

O turbilhão rolou pela coxilha verde, esmagando a macega meio ressequida e foi bater cegamente a infantaria de Artigas. Alguns cavalos e alguns homens caíram. O turbilhão passou por cima deles. Um baque surdo. Uivos de dor. Bárbaros gritos de raiva. Detonações... E o rumor sinistro dos ferros mordendo as carnes e os ossos: baionetas que entravam no pescoço dos cavalos, lanças que varavam peitos e costas, sabres que fendiam ombros e crânios.

— Bah!

— Nossa cavalaria caracolou: os Dragões pela esquerda

e nós, com os curitibanos, pela direita. Ouviam-se brados roucos. Os Dragões abriam caminho pelo campo a talho e ponta de espada. Os curitibanos não paravam de atirar. Mas na recarga fui atingido por um oriental, gaúcho seminu vestindo apenas um chiripá vermelho, que na passagem enfiou-me a lança na perna — e mostrando a cicatriz, concluiu: — meus lanceiros pararam de combater, cansados. O vento brincava nas bandeirolas de suas lanças purpuradas de sangue.

— Barbaridade! — exclamou o negro Adauto, mudo até então.

— Ferido, voltei pra casa e... — O estancieiro fez uma pausa, pensou e acrescentou: — Mas em seis de junho de 1819 pude combater em Itacurubi, no município de São Borja, onde Andresito foi ferido e prendemos o seu subcomandante.

— Mas a bronca não parou por aí?

— Não. Em janeiro de 1820, na Batalha de Taquarembó, em território uruguaio, a vitória foi portuguesa. Artigas, logo depois, batido também pelos seus próprios compatriotas, sem alternativa, refugiou-se no Paraguai.

No Paraguai, Artigas viveu o resto de seus dias. Sua pátria foi anexada ao Brasil. Um ano e meio depois, quando o Brasil se autodeterminou independente de Portugal, o Uruguai passaria a ser uma de suas províncias: a "Província Cisplatina".

## 7

"Parar rodeio" constituía-se tarefa corriqueira em uma estância gaúcha. A reunião do gado era feita com a finalidade de marcar, castrar, curar bicheiras, apartar, mas principalmente para costear, uma vez que o gado era deixado à lei da natureza, nos pastos, em completa liberdade. O único cuidado necessário era acostumar os animais a ver

os homens e a entender seus gritos, a fim de que não ficassem completamente selvagens.

O costeio era feito de tempos em tempos, em determinados locais chamados rodeios, onde ficavam por alguns dias. Depois, voltavam para as pastagens, em liberdade. Na estância Jaguary havia três rodeios.

Vários serviços diários eram feitos com animais que se relacionavam com a economia doméstica, como as vacas de leite e o cavalo aguateiro. As vacas tambeiras careciam ser laçadas e amarradas. Depois, botá-las ao potreiro. Essa ocupação se transformava em divertimento para os guris ou meninas da casa que, como em toda parte, tinham, assim, oportunidade de brincar, correr e laçar terneiros a cavalo. Nessas travessuras ensaiavam a vida futura: mesmo depois de enchiqueirados muitas vezes iam pealá-los.

Outros serviços, que não eram poucos, tocava quase exclusivamente aos escravos, com ajuda da piazada: carpir a horta, plantar mandioca, rachar lenha, roçar potreiros, cuidar de porcos e galinhas...

Na lida campeira das estâncias, os escravos eram mais felizes que em outras localidades. Os senhores trabalhavam tanto quanto seus servos, que comiam à vontade, não eram malvestidos como os demais escravos, não andavam a pé e sua principal ocupação consistia em galopar pelos campos, coisa mais sadia que fatigante.

## 8

Venâncio tinha uma viola e, no galpão, ao seu acompanhamento, cantarolava uma décima que todos aprenderam:



*Sou decidido, moleque chorão,*
*Não pego na pena mas toco violão,*
*Canto modinhas em qualquer lugar,*
*Só não me agrada é trabalhar.*
*— Dom Pedro acabou chorando*
*Nas dores de um vaguear.*
*— Na minha terra*
*Já tem tudo que é procura,*
*Tem farinha e rapadura,*
*Tem viola pra tocar.*

A décima não era schottisch, não era fado, não era polca e nem valseado, nem tão pouco era um esquinado: era uma moda crioula ataviada de acordes espanhóis, com duetos à portuguesa e cadência terrantês de charrua, carijó ou tape, com tempero afro: era o aparecimento do *solidó* crioulo das coxilhas.

E noutra roda galponeira, outro caso de guerra para ser contado:

Em 1825, o Uruguai se autoproclama independente, dando início à guerra pela integridade do Brasil, que duraria até 1828, quando o Império se convenceria da inutilidade de pelear contra o ideal pátrio daquele povo.

— Foi assim que sucedeu — contou Juvenal: — Montevidéu estava sob o poder do Império do Brasil, com um exército de 8.000 homens e tudo parecia assegurar a D. Pedro a sua pacífica posse.

João atalhou admirado: — Cuê-pucha! Quantidade de milicos, hein, seo Juvenal?

— Verdade. Foi então que um oriental reuniu trinta e dois companheiros. Embarcaram numa canoa e desembarcaram junto ao Grande Areal. O chefe chamava-se João Antônio Lavalleja. Havia combinado com um estancieiro que este lhe arranjaria os cavalos de que necessitava. Ao desembarcarem, foram informados que os cavalos haviam sido confiscados, pois fora descoberto o plano. Que deveriam reembarcar e se dirigir a Buenos-Aires.

— Que azar! — comentou Venâncio.

— É, mas Lavalleja respondeu que não partiria e no dia seguinte os valentes trinta e três apanharam outros cavalos na vizinhança e puseram-se em marcha para a Capital, mas foram encontrados por um destacamento de cavaleiros, dos quais quarenta eram brasileiros e cento e sessenta orientais.

Eram comandados por um antigo irmão de armas de Lavalleja, o Coronel Jurien. Lavalleja podia evitar o combate, mas não o quis. Marchou direto aos duzentos cavaleiros e pediu uma entrevista ao Coronel antes de entrar em combate:

— Que quer e que vem aqui fazer? — perguntou Jurien a Lavalleja.

— Venho libertar Montevidéu do domínio estrangeiro — respondeu Lavalleja. — Se tens as minhas ideias, acompanha-me, se não, entrega-me as suas armas, ou te prepara para o combate.

— Não compreendo o que querem dizer essas palavras: *entrega-me as suas armas* — questionou o Coronel — e espero que ninguém m'as tenha de explicar.

— Então tome o comando dos seus soldados, e vamos ver por quem é Deus.

— Veremos — disse Jurien.

E partiu a galope para unir-se aos seus soldados.

Mas no mesmo momento Lavalleja desenrolou a bandeira nacional azul, branca e amarela e imediatamente os cento e sessenta orientais passaram para o seu lado. Os quarenta brasileiros foram feitos prisioneiros.

A marcha de Lavalleja para Montevidéu foi uma verdadeira marcha triunfal. O resultado foi que a vontade de um povo inteiro tomou lugar entre as nações livres do mundo.

* * *

## 9

Foi naquele permeio revolto em que o Brasil estava metido que a china Maria teve Benito.

O patrão fora à guerra acompanhado de quase toda a peonada, inclusive Venâncio.

Só Aureliano, o capataz, ficara administrando a estância.

Nessas ocasiões Dona Mercedes convidava Maria para a casa-grande, como que de mudança; "de mala e cuia", na expressão dos "lá de fora". Ia para a sede com a trouxa e o filho.

Juvenal e seus peões visitavam as famílias depois das refregas como recompensa ou porque o caudilhete, ainda que Capitão, não se mostrava muito assíduo nessa campanha, uma vez que seu espírito libertário de gaúcho entendia o ideário dos do outro lado da linha.

Desde os primeiros passos e primeiras palavras pronunciadas, Benito via chegar e partir homens animados, destemidos e prontos para guerrear contra os inimigos de seu chão.

Os peões, que peleavam por pelear, imaginavam estar cumprindo o dever pátrio, pois haviam sido chamados pelo Monarca. Nem sabiam que estavam impedindo a liberdade *"de los hermanos de allá"*.

O governo brasileiro descumprira as cláusulas da incorporação da Banda Oriental do Uruguai. Ferida no seu brio, aquela gente peleou pelo direito da autodeterminação e venceu. O Brasil perdeu sua integridade.

"A paz de 1828 encheu de júbilo os corações dos verdadeiros patriotas uruguaios. Era a justa e merecida recompensa dos sacrifícios que eles haviam praticado pela libertação da terra encantadora e fecunda que lhes fora berço. O sonho de Artigas cristalizara em realidade; o herói imortal das coxilhas, mesmo de longe, podia experimentar os frêmitos da alegria provocada pelo renascimento da Pátria, de

cujo âmbito a cobiça da dinastia portuguesa o havia banido, mas que ele impulsionara para a liberdade pela persistência de seus ideais e pela energia do seu braço". *(10)*

## 10

Mercedes e Juvenal Lopes tiveram quatro filhos: Carolina, Francisca, Ana Paula e Pedro.

As moças casaram mui cedo com moços de Porto Alegre, onde haviam ido estudar. Nenhum dos genros era afeito à vida interiorana. "Colas-fina" — diziam os "lá de fora". Nem se davam ao incômodo de visitar a família Lopes. Os Lopes, se quisessem vê-los, que fossem à Capital.

A ancestralidade do casal era portuguesa: ele continentino, ela açórica; ele filho de militar estancieiro, ela de camponês. Na América, foram aprendizes na arte de gaucherrear.

## 11

Adaptavam-se ao meio os que chegavam para viver no pampa.

Todos os imigrantes daqueles tempos eram aventureiros, e a planura do deserto verde lhes incutia no subconsciente um espírito de liberdade, que era transmitido de geração em geração. E assim, camponeses pastores teriam de ser corajosos para enfrentar os perigos da lida no amanho do gado alçado.

Na fronteira das duas posses — lusitana e castelhana — então, o pampeano se apresentava com a singularidade de índio, mas com maneiras europeias e alma asiática: o arquétipo do gaúcho.

"Como em Salamanca, ele não veio encontrar aqui, nas planícies do Sul, onde a terra e o céu se fundem, um campo

de sementeiras, mas um campo de bois. Como em Salamanca, ele escolheu a beira dos riachos para construir a sua *casa de barro com teto de palha santa-fé* e continuar o uso não mais de suas *bombachas* de couro, porém de pano, mais adaptáveis ao clima, na forma inteligente do *chiripá* que o maragato criou.

Nas perdidas extensões solitárias do pampa, veio encontrar o *cavalo chimarrão*, em manadas que descendiam daquelas que o Adelantado Mendonza trouxera de Cádiz em 1535 e que, segundo Dionísio Scoo Lastra, *'eran animales provenientes de la raza berberia cruzada com la asiatica de los moros'*. No lombo destes cavalos, transportava a família e o toldo que constituía a sua habitação improvisada.

Para atravessar os vastos campos movediços no lombo dos camelos, forma o beduíno a sua caravana. Solidariedade para enfrentar a solidão e as distâncias e solidariedade para a defesa comum. A fila de dromedários risca a face queimada da terra, traçando um caminho tão instável como o próprio homem e apagável ao primeiro sopro do vento. Decora os horizontes de turbantes e albornozes brancos. O gaúcho, mais feliz no seu *habitat*, forma a sua caravana de carretas. De aguilhada em punho, segue pelas estradas do pampa, estradas que serpenteiam terras cobertas de verdura — em noites e dias de pacienciosas jornadas. É como o beduíno, um homem melancólico, nostálgico, ladeado sobre os pelegos do *lombilho* ou *serigote*, no lombo de um cavalo que acompanha, sonolento a marcha tarda dos bois. À noite pousa em acampamentos, como o árabe, sob a colcha das estrelas. E, como árabe, canta suas cantigas nostálgicas ao som dos mesmos instrumentos comuns — a *cordeona*, a *viola* e a *guitarra*.

O gaúcho do pampa, afirma Menendez y Pelayo, não é senão o campônio audaz, adaptado a distinto meio geográfico e social e modificado pela vida nômade, do deserto e pelo contínuo exercício do cavalo e do laço. Foi sempre gui-

tarrista e cantador e tem, em seus antigos poetas, os poetas populares que se dizem *payadores*.

E o albornoz espetacular foi aqui trocado pelo pala, esvoaçante e festivo como uma bandeira.

Nos pousos ou nos acampamentos ao relento, nos galpões ou nas salas da fazenda-grande, no fogão comum ou sobre os tripés de ferro batido, a chaleira fumegante e a cuia de porongo, cheia de erva-mate, agrega, aproxima, fraterniza os homens do campo no mesmo cerimonial do *narguilé* nos desertos, nas tendas, nos centros públicos da Arábia. E a *charla* do gaúcho, como as expressões do beduíno, é o revide inconsciente do homem da solidão, obrigado aos longos solilóquios.” *(18)*

## 12

Tropa reunida. Uma noite em pastoreio, aquerenciando-se logo depois do passo, sob a ronda da peonada. Era um dia de 1832.

Na madrugada seguinte, parte em rumo à charqueada: despacito, boiada seguindo o ponteiro montado num alazão. Passo lento...

Tropeada como tantas outras: animais, patrão, capataz, tropeiros...

Na volta, ao passarem pelo Rio Pardo, ouviram um ronco estranho, grave e forte. Ergueram-se nos estribos e observaram melhor. Viram uma grande movimentação de pessoas na beira do Jacuí.

— Barbaridade, tchê, que som!

— Ué, que será?

— Vamos até lá, pessoal? — convidou o patrão.

— Taco — concordou de pronto o capataz.

— O barulho é estranho e o bicho dever ser curioso — comentou um dos peões.